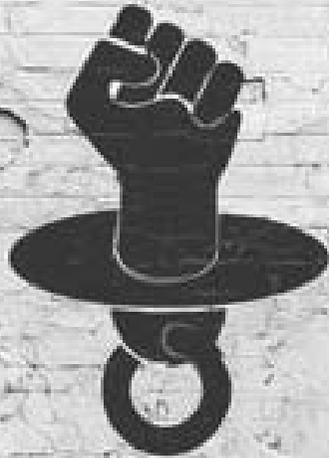


NASCEU NAS BARRICADAS PARA MORRER NAS PLENÁRIAS



Nesse artigo trazemos uma análise sobre o levante na Bósnia em 2014 desde os seus primeiros e ardentes dias, passando pelas enormes plenárias que tomaram todo o país, até o rápido declínio do movimento e o retorno à “normalidade”. Entusiastas da democracia direta relataram com emoção a experiência nas plenárias quando estas estavam no seu auge, mas depois de três meses elas morreram sem deixar nenhum resultado visível. O que podemos aprender sobre essa explosão repentina do modelo de assembleia popular? Como ele se relaciona com as insurreições que abriram uma janela de oportunidade de mudanças sociais? E por que foi tão fácil para o governo reestabelecer a ordem?

CrimethInc.

faccaoficticia.noblogs.org



A EXPERIÊNCIA DA BÓSNIA COM DEMOCRACIA DIRETA EM 2014

COLEÇÃO CRÍTICA ANARQUISTA A DEMOCRACIA



Esse texto faz parte de uma série e um debate internacional analisando a Democracia sob uma perspectiva anarquista. Não só a democracia representativa burguesa é abordada, mas também as experiências de democracia direta nos diversos movimentos e levantes ao redor do mundo nos últimos anos.

Outros textos serão publicados desenvolvendo a questão localmente. Encorajamos também um debate fora das redes. Convide e organize debate sobre a relação entre democracia e anarquismo na sua região.

*Um grupo de discussão está sendo organizado via Crabgrass e pode ser acessado no link:
we.riseup.net/democracyandanarchy*



“Isso precisava acontecer,” enfatizava uma jovem mãe em hijab, sua voz tremia de emoção, enquanto gesticulava sobre a fachada toda queimada da sede do governo em Tuzla. “O prédio tinha que queimar. O levante foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Espero que aconteça novamente. Tem que acontecer.”

NASCEU NAS BARRICADAS PARA MORRER NAS PLENÁRIAS

A EXPERIÊNCIA DA BÓSNIA COM DEMOCRACIA DIRETA EM 2014

4 Em fevereiro de 2014, duas décadas depois da guerra que devastou a Bósnia deixando-a dividida em três regiões étnicas, o país entra em chamas novamente. Desta vez não foram conflitos étnicos, mas a revolta das pessoas unidas contra os políticos. Por anos, estes políticos tensionaram essas divisões étnicas a fim de desviar atenções enquanto saqueavam sistematicamente o país. O resultado foi a pobreza intensa: o desemprego estava em 44% em 2016, chegando a 60% entre os jovens.

As pessoas inundaram as ruas. Confrontando a polícia, queimaram o parlamento e os prédios municipais. Com o tumulto dos protestos, os políticos, em pânico, roubaram dinheiro do tesouro nacional. Em Mostar, uma cidade dividida entre muçulmanos e católicos, vários políticos enviaram suas famílias para a Croácia através das fronteiras. Protestos sob os slogans “Liberdade é a minha nação” e “Queimem todos os políticos” desenharam multidões em 33 cidades. As pessoas se reuniram para fazer democracia direta em assembleias de até mil participantes — algo que não acontecia nessa escala em nenhum país da ex-Iugoslávia desde a última guerra dos Bálcãs. De fora, partidários da democracia direta expressaram grande entusiasmo sobre o que alguns chamaram de Primavera Bósnia.

Houve muitas coisas inspiradoras sobre a insurgência de 2014 — a rejeição ao nacionalismo e à democracia representativa, a visibilidade de mulheres em luta no que ainda se mantém como uma sociedade tradicional, e o foco nas lutas sociais e econômicas em vez de ódio étnico. Muitas pessoas de todos os setores da sociedade foram radicalizadas através dos protestos.

No entanto, a revolta diminuiu enquanto as assembleias foram surgindo. Naquele momento, muitos viam as plenárias como o próximo passo depois das manifestações: uma vez que a polícia foi derrotada e que os políticos estavam na defensiva, era hora do povo se reunir e pensar nas suas demandas. Mas

Pode ser que se as assembleias tivessem servido como espaço de ação coordenada, ela tivesse impulsionado as lutas, organizando novas ações para manter as autoridades recuadas e contribuiriam para novas formas de organização da vida para além do modelo da economia capitalista. Uma vez que as discussões se tornaram abstratas, era inevitável, apesar das intenções dos participantes e facilitadores, que a assembleia se reduzisse a delegação, a representação, e a petição. Mesmo se fosse tão “direta” como a assembleia pretendia ser, acabaram por entender a revolta como a expressão de desejos em busca de representação, não como um espaço onde todos esses desejos poderiam se realizar. Uma vez que os participantes entendiam as manifestações dessa forma, era natural endereçar todos esses desejos para os governantes — o corpo adequado de representação — na forma de demandas. Essas demandas só poderiam fortalecer o governo e fatalmente enfraquecer as assembleias.

O levante bósnio de 2014 é apenas um exemplo de várias experiências com assembleias como uma ferramenta de revolta. Parece que a assembleia não pode servir como um lugar para enxergar um futuro e então procurar por outro corpo político e instituí-lo. Esse corpo político vai ser sempre o Estado, que não carece de assembleia. Igualmente, a assembleia precisa não se transformar numa instituição com seus próprios meios que se legitimam em si mesmos — se assim fizer, na melhor das hipóteses, ela se transformará no próprio Estado. Para que seja libertadora, a assembleia precisa ser instrumento onde o poder seja exercido diretamente segundo uma outra lógica, uma lógica que não concentre o poder, mas que o disperse, fomentando autonomia e liberdade entre os participantes.

Basear as lutas sociais na busca por mais democracia — seja representativa ou direta — é especialmente sedutor na Bósnia, onde as pessoas sentem que o acordo de Dayton paralisou o país forçando divisões étnicas em todas as esferas da administração da vida comum. Muitas pessoas acreditam, na Bósnia, que a solução para todos os problemas seria a construção de um Estado funcional e unificado, sem a divisão do tratado de Dayton, incorporando todas as pessoas das três “nações” como concidadãos. Eles tomam os países do Europa Ocidental e setentrional como modelo para si mesmos. Mesmo os que se consideram radicais compreendem a democracia direta como o meio para este fim, em vez de um modo de reestruturar a sociedade. Isso pode explicar por que foi um passo tão curto da democracia direta das assembleias à democracia (pouco) representativa do governo. Quando legitimamos nossas lutas por meio da retórica da democracia, abrimos portas para que os partidos conservadores justifiquem o retorno ao normal na mesma linha de argumentação. Devemos restaurar a ordem, então deve haver novas eleições!

Na verdade, o mesmo desemprego, pobreza e brigas étnicas que infligiram tanto sofrimento na Bósnia estão difundidos em toda a Europa, da Grécia à Finlândia. Modernizar o governo e purgá-lo “da corrupção” não é o suficiente para transformar um país numa social democracia mais próspera; num mundo capitalista, nunca haverá prosperidade suficiente. Se nos limitarmos aos esforços para reformar os governos — mesmo se isso significar a sua substituição com redes de assembleias destinadas a cumprir a sua função — nunca tocaremos na raiz do problema. O que significa olhar para as manifestações e para as assembleias como um dos passos para a construção de uma ordem social completamente diferente, no lugar de significar uma via de revitalização da mesma ordem?

alguns meses depois o Governo havia reassumido o controle e a assembleia perdido toda sua potência, e tudo voltou a funcionar como antes.

O que derrotou a revolta? A repressão nas ruas ou a sua pacificação na assembleia? Foi o contraste entre a revolta e a plenária? Ou tudo teria morrido inevitavelmente?

“Onde você estava enquanto lutávamos na rua?” um velho trabalhador perguntou aos jovens que participaram das assembleias seis meses antes. Ele continuava protestando em frente ao Parlamento de Sarajevo todos os dias — só que agora, como antes do levante, ele e seus companheiros estavam lá por conta própria.



Ódio e desilusão na Bósnia

AS ASSEMBLEIAS VS. AS RUAS

No início, a assembleia era uma expressão orgânica das lutas na rua. Como nos protestos, reunia pessoas que nunca haviam participado das lutas anteriormente. Algumas não se sentiam confortáveis nos confrontos, mas queriam falar sobre sua raiva, ou articular seus desejos para o futuro. Junto aos manifestantes, formaram assembleias de democracia direta, puxando plenárias.

As assembleias funcionavam como uma terapia coletiva. Oferecia um espaço comum onde as pessoas eram ouvidas: pela primeira vez na vida sentiam que sua opinião importava. Elas falavam sobre a guerra, sobre o estresse pós-traumático, sobre suas condições de vida, sobre sua aversão ao sistema que os tem humilhado ao ponto de não se sentirem mais como seres humanos. “Lutar nos trouxe de volta a dignidade”, muitos diziam.

O procedimento das assembleias foram planejados para manter o poder horizontal: os papéis giravam entre os participantes, as falas eram cronometradas, e a mediação pretendia criar um espaço inclusivo e igualitário. Em alguns casos, isso proporcionou que a assembleia se configurasse como um espaço diverso. Em outros, aqueles que tiveram uma educação formal se sentiam mais confortáveis para discutir, e a utilizaram para se articular publicamente; em algumas plenárias, o discurso se acumulou nas mãos de intelectuais como Asim Mujkić, professor de ciências políticas que repetidamente representou a assembleia de Sarajevo nos meios de comunicação. Entretanto, algumas pessoas que participaram dos atos não participaram das assembleias, outras vieram no início e então pararam. Algumas aparentemente confiavam que as plenárias representavam suas necessidades, estando presentes ou não. Outros provavelmente ressentiam a ideia de alguém falar em seu nome.

Ao passo que a presença das pessoas nas assembleias ia diminuindo, silenciosamente a polícia reestabelecia o controle



21 de Fevereiro de 2014: Participantes da assembleia de Sarajevo ouvem notícias das assembleias de Fojnica, Konjic e Mostar

E o líder desse novo governo? Um ex-ministro do interior, que havia sido responsável pela polícia.

“Tenho apenas um inimigo. Vocês não são meus inimigos, o governo é o meu inimigo,” um velho disse direcionando-se para seus camaradas das plenárias. “E a gente disse tudo o que deveríamos dizer a ele quando queimamos o parlamento”.

DEMOCRACIA VS. LIBERDADE

Nos últimos anos, houve muitos movimentos na Bósnia, cada um indo um pouco mais além do que o anterior. Cada um desses movimentos trouxe novas pessoas às ruas e logo cedeu — mas a questão é o que vem depois. Essas pessoas continuam desenvolvendo suas capacidades de ação de forma autônoma, aumentando suas forças de revolta em revolta? Ou elas acabam por se juntar às fileiras dos partidos?

“Quando você veio da Eslovênia e nos contou que o movimento poderia morrer nas assembleias”, ele disse, “eu não acreditei em você. Mas aconteceu exatamente como você falou.”

GOVERNO VS. AUTO-ORGANIZAÇÃO

Em Tuzla, onde as manifestações começaram, os protestos forçaram o primeiro ministro do distrito a renunciar. A assembleia, então, determinou que um governo provisório e sem partido assumisse até as eleições regulares. A expectativa era de que esse governo se reportasse a assembleia toda semana. Na verdade, eles montaram um governo provisório com um professor como primeiro ministro, e alguns ministros que não tinham muita experiência com política. No entanto, logo descobriram que além desses novos políticos terem relações com os partidos políticos, eles também estavam envolvidos com corrupção, o que era justamente um dos motivos imediatos das revoltas populares. Não demorou muito até que os novos políticos escolhidos cortassem a comunicação com a assembleia e seus comitês. O governo se compunha de novas faces, mas a elite mantinha o seu poder.

A penúltima postagem do plenumsa.org, o site da assembleia de Sarajevo, é sobre as inundações que assolaram a Bósnia em maio de 2014 ². A auto-organização dos participantes das assembleias foi essencial para a resistência ao desastre, enquanto que o governo pouco se mobilizou para ajudar as vítimas. Logo depois, esses polos auto-organizados se dissolveram. Em outubro, as eleições trouxeram um dos partidos conservadores ao poder em Tuzla — dizem que esse partido já estava mexendo seus pauzinhos durante o governo provisório.

das ruas. Os governantes se ajustaram em pequenos escritórios no exterior dos prédios queimados.

“O que você pensa sobre as pessoas que queimaram os prédios?” perguntei. “Eles participaram das assembleias aqui em Tuzla?”

“Não”, ela respondeu, “Eles não participaram. Eles enviaram um representante à primeira plenária, antes das coisas realmente acontecerem. Ele disse que se o governo não mudasse, eles queimariam seus prédios. Mas depois disso nenhum deles mais compareceu à assembleia”.

Eu poderia entender porque as pessoas que atearam fogo nos quartéis da polícia do governo hesitassem participar dos encontros públicos. De fato, poucos meses depois que as coisas se acalmaram, a polícia começou a fazer acusações de terrorismo. Ao mesmo tempo, qual o sentido de se queimar as sedes do governo e então exigir pautas deles? Me parece que a revolta estava condenada desde que as coisas se dividiram entre lutar contra a velha ordem e encontrar uma nova.



Fevereiro, 2014: As autoridades perdem o controle

INSTITUIÇÕES VS. INSTRUMENTOS

Os mediadores das assembleias e os organizadores dos grupos de trabalhos, que haviam começado seu trabalho numa tentativa honesta de difundir a luta em outras esferas da vida, se encontraram, por isso mesmo, na posição de autoridade. Eram eles que organizavam a agenda e determinavam o curso das discussões; tornaram-se os nomes e os rostos das manifestações. Parecia que eles que identificavam, expressavam e priorizavam as demandas que fizeram com que as pessoas saíssem às ruas. A maioria desses organizadores nunca quis esse tipo de poder — mas desejava que a revolta resultasse em mudanças na sociedade, e para isso a assembleia era essencial.

Muitos dos mediadores estavam comprometidos com os princípios da democracia direta. Acreditavam que aderir a esses procedimentos nas assembleias evitaria os desequilíbrios de poder e a burocracia. Mas logo uma sutil mudança surgiu em meio a essa tentativa: ao contrário de legitimar as necessidades e desejos dos participantes do levante, eles estavam institucionalizando tudo. Em vez de se oferecer como ferramenta para resolver problemas e conhecer demandas, as assembleias se reduziram a um fim em si mesmas.

Com o fim das manifestações, as assembleias deixaram de ser uma ferramenta para endossar as ações das pessoas nas ruas. Cada vez mais, elas foram assumindo o modelo de uma organização tradicional, uma espécie de cão de guarda monitorando o governo. Só que sem dentes.

“A gente não pretendia acabar assim”, disse um dos antigos mediadores da assembleia de Sarajevo. “A gente queria ajudar, mas não deter o controle do processo. Não era claro pra gente que isso estava acontecendo assim.”

APRESENTAR DEMANDAS VS. CONSTRUIR UMA LINGUAGEM COMUM DE LUTA

As revoltas da primavera de 2014, pela primeira vez em muitos anos, amedrontaram os políticos da Bósnia. Mas assim que estes se sentiram seguros novamente, retaliaram cada confronto. Compararam o incêndio dos prédios do governo com a agressão sérvia durante o cerco para depreciar os manifestantes na mídia; o que preparou o terreno para as acusações de terrorismo. Ao mesmo tempo, tentaram canalizar o movimento para a política tradicional, tornando-o menos radical, menos imprevisível, menos incontrolável. Infelizmente, a plenária acabou se transformando nisso.

A revolta popular da Bósnia deu voz a milhares de desejos, ideias e necessidades individuais. Mas ao invés de conectá-las numa linguagem comum de luta, preservando suas especificidades, criando uma plataforma de ação conjunta, o processo de construção de consenso nas plenárias serviu para reduzir essa diversidade de vozes em demandas básicas.

Na tentativa de intensificar o efeito-alavanca da assembleia, as assembleias de várias cidades se conectaram e construíram uma lista de demandas comuns. Através dos grupos de trabalho que consistiam em cada vez menos pessoas trabalhando em milhares de demandas, juntando alguns pontos, interpretando e ajustando outros, e descartando totalmente alguns. Esse processo se desenvolveu até 09 de abril, dois meses depois das manifestações, e, através de um ato simbólico em Sarajevo, apresentou o conjunto de demandas ao governo.

Não houve resposta. Quando as plenárias reduziram a cólera generalizada a pequenas demandas, o governo não precisou se preocupar mais. Esse foi o último prego do caixão do levante.